

Jornal do Teatro

Em Cartaz

Arlete Salles

Cláudia Abreu

Fernando Eiras

Gabriel Braga

Nunes

Laura Cardoso

Louise Cardoso

Miguel Falabella

Zezé Polessa

Zastrozzi

Um vilão filosófico
e sedutor

Selton Mello e
Ângelo Paes Leme

Multishow em Revista.
Você não vai cansar de aplaudir.

GiStaff

No Multishow em Revista, você encontra o making of de grandes espetáculos, entrevistas com personalidades, assiste a clipes em primeira mão e ainda confere as dicas da semana de shows, filmes, peças de teatro e artes plásticas. Multishow em Revista. Um programa que merece aplauso. De segunda a quinta, às 21h45. E todo domingo, às 22h45,



bastidores

Psicanálise coletiva

“Teatro é palco. E não estou aqui metida a revelar o óbvio. Estou apenas me lembrando de que forma o teatro me parece mais apaixonante. E é assim, como metáfora, que ele é completo e definitivo. O teatro como palco, como lugar de algum acontecimento notável. O Iraque, nestes últimos tempos, tem sido palco de uma guerra burra e triste, correto? Pois o teatro tem sido hoje e sempre o palco do acontecimento notável, que é o encontro do homem com sua identidade mais completa, onde ele se permite refletir sobre si mesmo e imitar a vida, analisando-a sob a forma do trágico ou do cômico em nós. Penso que se Bush ou Saddam fizessem parte de um grupo de teatro não seriam os amadores que se revelaram na chamada vida real, atores sofríveis em papéis cruéis, sacrificando a platéia compulsória que somos todos nós.

No teatro repensamos a vida e tocamos os corações e as mentes das pessoas a partir da entrega de nossos corações e mentes. Sim, estou falando como atriz e paciente dessa incrível psicanálise coletiva. Considero um privilégio ter descoberto em mim essa vocação tardia. Gerald Thomas foi quem percebeu essa possibilidade, pelo que lhe sou eternamente grata. E, neste momento, sigo meu caminho em ótima companhia, levada pelas mãos energicamente doces de Aderbal Freire-Filho. Contraceno, em São Paulo, com Fúlvio Stefanini, um ator estupendo, mais meu Reynaldo Gianecchini e a bela Simone Spoladore, jovens talentos, em um texto de Edward Albee que concorreu ao Pulitzer e que desperta amores e ódios em proporções generosas: *A Peça Sobre o Bebê*. E é bom que seja assim, pois é no confronto teatral, mais uma vez, que estamos discutindo nossos medos, fantasias e realidades. Sou do time que pensa que chegamos perto mas não demos certo. Sou do time que acredita, no entanto, que podemos analisar, discutir e tentar, quem sabe, a partir do teatro. E sou feliz por isso.”



Marília Gabriela, abril de 2003

Um cineasta no teatro

Um dos mais conhecidos cineastas brasileiros, Walter Lima Jr. (*A Lira do Delírio*, *Inocência*, *A Ostra e o Vento*), vai dirigir sua primeira peça de teatro, *Dois na Gangorra*, comédia dramática do americano William Gibson. Os ensaios começam este mês, reunindo o casal Murilo Benício e Giovana Antonelli. A peça já foi filme com Shirley MacLaine e ganha agora a terceira montagem teatral brasileira.

Os 80 de Sérgio Britto

O texto de *Sérgio 80*, monólogo de Domingos Oliveira comemorando os 80 anos de Sérgio Britto, ganhou adendos na montagem do próprio Sérgio e de Fernanda Montenegro, que inicialmente faria a direção mas acabou se afastando por compromissos com o cinema. Sérgio sobe ao palco do Teatro Cândido Mendes a partir de 16 de maio, dirigido por Domingos.

Homenagem à Lapa

O Centro Cultural Hombu, na Lapa, abre seu espaço às terças e quartas-feiras, a partir de 13 de maio, para a peça *Lapianas Nº1*. O autor e diretor Cláudio Mendes fez uma pesquisa sobre o bairro para contar a história da prostituta que vira musa inspiradora de uma série de reportagens. Personagens folclóricos, como Madame Satã e o malandro Miguelzinho da Lapa, garantem o humor!

Encontro

O 2º Encontro de Artes Cênicas da Baixada Fluminense – Edição Teatro (EncontrArte) será de 7 a 14 de junho no Sesc Nova Iguaçu. Dercy Gonçalves, Bibi Ferreira e a Casa dos Artistas serão homenageadas. Cursos e espetáculos acontecerão em diversos bairros e um grande fórum de debates encerra o evento, promovido por oito delegacias do Sindicato dos Artistas no Estado.

Tania Brandão

Escola de teatro

“Duas tábuas e uma paixão – houve um tempo em que só isto já seria o bastante para transformar um mortal comum qualquer em ator. O teatro era bem diferente do que vemos hoje. Os atores se especializavam em papéis pré-determinados e ingressar em uma companhia ou na classe teatral significava ter acesso à grande escola que formava a todos – aprendia-se em cena, fazendo, na prática.

No teatro do século XX, com frequência chamado de *moderno*, a situação mudou muito. Não existem mais papéis especializados como antigamente (galã, centro, dama galante, ingênua, característicos...), e os atores, para a sua formação, dependem de escolas, na acepção mais restrita do termo. A escola deve existir para fazer com que o ator se torne em algo mais do que um ser apaixonado: ela precisa fazer com que ele se transmude em uma cara e em um corpo *de borracha*, sempre aptos para múltiplas transformações e grandes desafios.

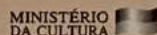


Tânia Brandão é professora de pós-graduação em teatro na UNIRIO.

Ou seja, hoje príncipe, amanhã plebeu e escravo, depois de amanhã moleque. Portanto, para tornar-se ator de teatro atualmente é necessário gostar de estudar. Para garantir que os futuros intérpretes tenham *plasticidade*, é preciso fazer com que tenham cultura geral e teatral. Esta última é um vasto campo, abrangendo desde a formação técnica do corpo e da voz e o treino dos diferentes métodos de interpretação até o estudo da História do Teatro Brasileiro e Universal, da Literatura Dramática, da Estética e da História da Arte. É um mundo de sonho, não há dúvida, em que à simples paixão de outrora se somou muito sangue, suor e lágrimas. Quer dizer: estudar, estudar e estudar.



SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA



Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gb.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte), Maria Lucia Rangel (textos). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Beni Laser. Impressão: Sol Gráfica. Foto de capa: André Arruda/divulgação.

VENEZA



FOTOS: GERALDO ROCHA/DIVULGAÇÃO

Uma velha cafetina decide ir à Veneza pedir perdão ao homem que ela amou e traiu.

Por Maria Lucia Rangel

É surpreendente o despojamento das atrizes de *Veneza*, peça do argentino Jorge Accamme que está no Teatro dos Quatro, adaptada e dirigida por Miguel Falabella. Arlete Salles, Juliana Baronne e Débora Olivieri encarnam suas personagens – três prostitutas – despindo-se totalmente. A fala é despudorada. O figurino, mais ainda: calcinhas, sutiãs, cintas-liga e meias-arrastão. Com Laura Cardoso como a dona do bordel, Tuca Andrada fazendo o rapaz que presta serviços na casa em troca de sexo e Cristiano Gualda em papel romântico, o grupo provocada gargalhadas, mas acaba mesmo emocionando o público.

A história se passa numa cidade isolada, decadente, esquecida no tempo. Miguel conta que o autor mora no interior da Argentina, num lugar perdido. “Gosto deste texto. É tão a gente, tão América Latina! Acho linda a aposta na fantasia, no sonho. Sou o Holliday on Ice”, diz o diretor. O roteiro é simples. A dona do prostíbulo se recusa a morrer sem antes rever, em Veneza, seu antigo amor, uma homem que ela amava e mesmo assim o traiu. “Ela roubou o dinheiro do único homem que amou e com ele montou o prostí-

bulu”, diz Arlete Salles. Velha e cega, ela deseja revê-lo para pedir perdão e dizer que descobriu quanto o amor é importante.

O Blefe e o sonho

As três prostitutas resolvem levá-la até Veneza. Mas descobrem que a viagem é cara e impossível de ser realizada. Decidem então “criar” uma maneira de levar a velha senhora até lá. Com a ajuda do prestador de serviços, simulam uma ida à cidade italiana. Segundo Miguel, na versão original os personagens colocam cadeiras como se fossem o interior do avião. Na versão Falabella, o cenógrafo e figurinista Cláudio Tovar criou um avião no palco, utilizando caixotes, ventiladores, tampos de mesa e até um balde. O mesmo ele faz com a chegada em Veneza, onde os atores “fabricam” uma gôndola.

“O texto deixava uma opção para o final”, explica Miguel. “O Tovar teve a idéia genial de criar o avião e a gôndola. E foi minha a opção de fazer com que todos entrem nesta viagem. O sonho é o que nos mantém vivos. Se não puder interferir, não embarcaria numa adaptação. A história poderia se passar perfeitamente na Ilha do Governador dos anos 60. A massificação rouba de nós a

Em cena, Arlete Salles e Laura Cardoso



possibilidade do individual. Todo mundo quer ser igual. Na verdade, o belo está em vários lugares. Outro fascínio do diretor é com a liberdade com o corpo que as prostitutas mostram em cena. “Elas têm uma liberdade que a gente precisa de anos de terapia para conseguir. Sempre olho para essas mulheres com um olhar muito afetuoso.”

“Todo o elenco – com exceção de Débora

Olivieri – já trabalhou com Miguel. Para Juliana Baroni ele escreveu um papel na novela “Salsa e Merengue”. Com Laura Cardoso trabalhou em novela e diz que sempre se ajoelhava quando a atriz chegava às gravações. Cristiano Gualda participou do musical *South American Way*. E com Arlete Salles faz dobradinha há anos. “Tenho meus intérpretes, os que tocam a corda do meu coração”.

Aplauso

Colecione! Assine!

Enviamos para todo o Brasil

Maiores informações

Tel.: (21) 2511-5344 / 2511-1390
ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

**Assinatura
semestral
R\$ 24**

**Coleção completa
de Aplauso por R\$ 54**

Edições de 1 a 46

Síndromes



Loucos como nós

Masochismo, paranóia, anorexia, pânico, egocentrismo, obsessão... Seis autores dão sua versão para os temas no Teatro do Leblon.

Por Maria Lucia Rangel

FOTO: ADRIANA PITTIGLIANI/DIVULGAÇÃO

Convidada pela diretora Beta Leporage para escrever o texto de uma das síndromes da peça *Síndromes – Loucos como Nós*, que estréia na Sala Fernanda Montenegro do Teatro do Leblon, Leilah Assumpção optou pela do pânico por motivos pessoais. A autora foi vítima da síndrome no início dos anos 80. Agora, pode brincar: “eu a transformei em arte, foi a minha vingança contra ela”. Seis autores tiveram total liberdade na escolha do tema. Além de Leilah, também escreveram Adriana Falcão, Miguel Falabella, Paulo Japyassu, Roberto Athayde e Walcyr Carrasco. No elenco, Zezé Polessa, Luciana Braga e Miguel Magno.

São sete quadros que muitas vezes transformam o trágico em cômico, falando sobre situações bem familiares para a maioria das pessoas. Quando teve a idéia, Beta conversou com psicanalistas e partiu para uma pesquisa, selecionando as síndromes mais comuns. Hoje em dia ela admite que não se encaixa mais em nenhuma delas. Aos 48 anos, faz análise desde os 23.

“Quando você faz análise – já passei pela freudiana, lacianiana, terapia de casal, terapia de família, para onde levei até minha empregada -, chega uma hora em que começa a ter uma grande intimidade com o assunto”.

A escolha pessoal de cada autor ela não sabe como se deu. Brincando, diz que considera Roberto Athayde um pouco auto-centrado. Naturalmente, o escritor optou pelo

egocentrismo com *A grande Matilde*. A personagem-título mal ouve o casal supostamente amigo e acaba envolvendo os dois em seu próprio delírio. “O humor nasce dos excessos da personagem, e o público ri porque certamente já viveu situações como essa”, diz Luciana.

Sem síndrome

Beta escolheu três atores que podem estar juntos em cena, em dupla ou num monólogo. Em *Um garfo no céu*, de Paulo Japyassu, a anorexia e a bulimia contracenam. As personagens de Luciana e Zezé se complementam: uma não engole uma folha de alface sem se sentir culpada. A outra se orgulha de comer tudo, mesmo que vomite pouco depois “A bulimia”, lembra o autor, “era a doença da Lady Di e das modelos que vivem como camelos, comendo só uma vez por semana”.

Walcyr Carrasco escreveu dois capítulos de um mesmo quadro, *Paranóia e Paranóia 2*, onde o casal vivido por Zezé e Miguel se conhece pela Internet e tenta iniciar uma relação. Falabella criou um esquete sobre o sadismo, *Cadê o masoquista?*. E Adriana Falcão enveredou pela obsessão em três monólogos curtos: *Tudo menos o Jorge*, *Insônia* e *Romântico incurável*.

Beta, que já tinha trabalhado com Zezé mas sempre admirou Luciana e Miguel, bate na madeira ao dizer que a equipe é bem saudável. “A energia é muito boa. Não tem nenhuma síndrome”, brinca.

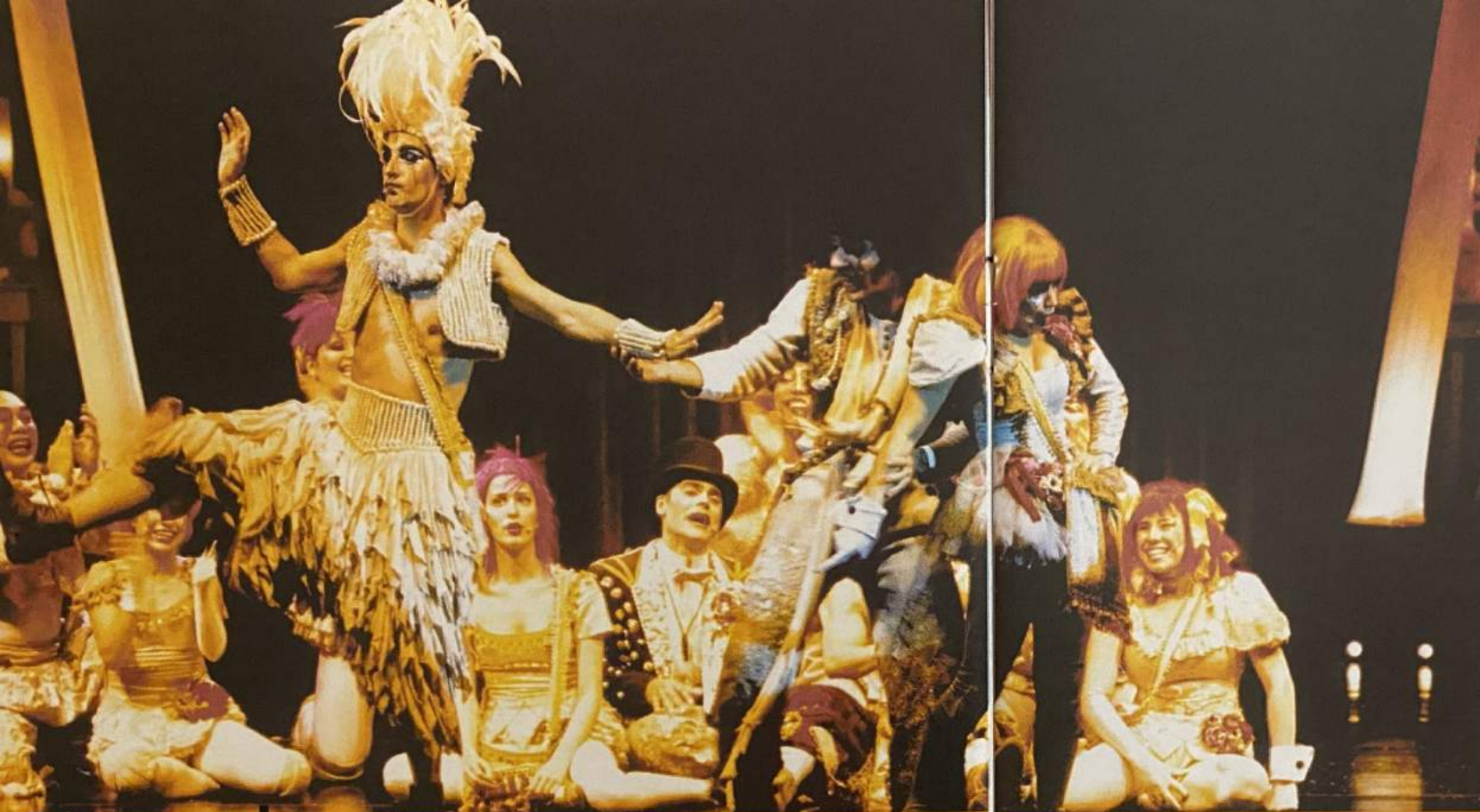


FOTO: MILA MALUHY/DIVULGAÇÃO

Circo da paixão

GODSPELL

A versão de Miguel Falabella para o musical dos anos 70. Doze atores encenam parábolas do Evangelho de São Mateus.

Por Maria Lucia Rangel

Desde que assistiu ao filme, numa tarde dos anos 80, Miguel Falabella alimentava o sonho de montar *Godspell* no teatro. Vinte anos depois o sonho se realizou, com um adendo ao título, *Circo da Paixão – Godspell*. Vindo de uma bem sucedida temporada de oito meses em São Paulo, a produção de R\$ 800 mil estréia no Teatro Carlos Gomes com uma mensagem de amor e solidariedade, contada através da mais famosa história do mundo: a de Jesus Cristo.

Miguel assina não só a direção, mas também a tradução e produção, e deixa claro que não se trata de uma recriação dos hippies de

30 anos atrás, montada no Brasil na década de 70 por Antonio Fagundes. “Num país com 23 milhões de miseráveis, a manifestação divina deveria aparecer como ação de voluntariado e não só como louvação a Deus. É importante passar uma mensagem de solidariedade considerando-se o momento atual, mas sem pieguismos”, diz ele.

Mas Miguel lembra que o Brasil tem tradição em musicais e *Godspell* deve ser ressaltada também pela força do gênero “(Uma das grandes alegrias da minha vida seria deixar um bando de bons musicais, com canções lindas”, revela.

Com direção musical de Josimar Carneiro e figurinos e cenário de Cláudio Tovar, a peça conta com 12 atores jovens que dançam, cantam e sapateiam em números musicais bem-humorados, encenando parábolas famosas do Evangelho de São Mateus. O musical ganha tintas verde e amarelo com os filósofos do original substituídos por personagens com ares de mendigos, os excluídos que, à margem da vida, discutem a existência de Deus. “São eles que cruzam a cidade, seguindo o mestre, aprendendo regras fundamentais para a sobrevivência do planeta”, explica Miguel.

Clássico da contracultura

Godspell estreou no Cherry Lane Theatre, off-Broadway, em 17 de maio de 1971.

O músico Stephen Schwartz, na época estreado, se baseou no texto de John-Michael Tebelak e concebeu um espetáculo na esteira da rebeldia e da contracultura daquela década. O musical teve 2.124 representações até passar para a Broadway, no Broadhurst, onde teve mais 527 récita. Pouco depois foi montado em Londres, ficando quase três anos em cartaz, tendo no elenco o ator Jeremy Irons, futuro ator de sucesso no cinema. Mas o espetáculo ganhou o mundo em 73, filmado pelo inglês David Greene.

A história mostra João Batista montando uma banda com jovens discípulos para seguir e divulgar os ensinamentos de Jesus. Eles formam uma trupe teatral que apresenta parábolas pelas ruas e pontos turísticos de Nova York nos anos 70.

A trilha musical inclui o sucesso *Day by Day*.

ZASTROZZI



FOTOS: ANDRÉ ARRUDA/DIVULGAÇÃO

Natália Lage e
Ângelo Paes Leme



Selton Mello é o vilão de peça que traz perseguições e mulher fatal, bem ao estilo noir.

Por Maria Lucia Rangel

A referência de Selton Mello quando fala de *Zastrozzi*, peça premiada do canadense George Walker em cartaz no Teatro Glória, quase sempre é o cinema. A história, contada do ponto de vista do vilão que se considera bom, é vista por ele como uma fábula “noir” ao estilo Tim Burton, com montagem que faz referências a *Matrix*. Já o

personagem-título é interpretado como uma espécie de Hannibal Lecter, papel de Anthony Hopkins em *O Silêncio dos Inocentes*. “Como Hannibal, *Zastrozzi* é um gênio, um filósofo que seduz pela palavra”, diz Selton. Está longe de ser o vilão sanguinário.” O elenco conta ainda com Ângelo Paes Leme, Natália Lage, Álvaro Diniz, Gisele Câmara, Michel Bercovitch.



Gisele Câmara

O ator, que estréia na direção, dividida com Daniel Herz, admite que quis brincar com clichês do melodrama: “Mas é um melodrama às avessas, com ingredientes como perseguições e mulher fatal. Tem a ver com este universo sombrio, com o personagem meio bizarro de *A Lenda do Cavaleiro sem Cabeça*, de Tim Burton”.

Entre amigos

Selton e Daniel Herz descobriram o texto de Walker há 10 anos. Montar a peça tornou-se uma obsessão para a dupla. Foi o ator Ângelo Paes Leme quem trouxe a idéia de



Selton Mello e
Ângelo Paes Leme

Natália Lage e
Michel Bercovitch



volta. E Selton tomou coragem para dirigir: “Já vinha pensando nisso nos últimos anos”, admite o ator que, aos 30 anos, já tem 20 de carreira. “Esta peça era a ideal para minha estréia, porque trabalhamos muito nela em 93. Chegamos a fazer trabalho de mesa e a ensaiar. Era um projeto que conhecia muito bem. Para uma primeira direção, é importante esse conhecimento. E o fato de codirigir me deu segurança. O Daniel é um cara super talentoso da minha geração, envolvido comigo no projeto desde o início.”

Ângelo Paes Leme também é velho conhecido. A segunda peça de Selton no Tablado, *Romeu e Julieta*, tinha Ângelo no elenco. “Na verdade, a gente não é um grupo, mas é quase. Michel Bercovitch me dirigiu em *O Zelador*, Natália Lage

começou comigo quando éramos crianças e, com o Álvaro Diniz, eu também já contracenei. Só a Gisele Câmara eu não conhecia. Fez teste e ganhou o papel na raça. Esta é a grande vantagem de produzir (Selton é também o produtor). Olho para todos os lados e não há uma pessoa em quem não confie. Porque é pauleira.”

A música de *Zastrozzi* foi criada especialmente para o espetáculo pelos Guevara Brothers, Marcelo Vindicatto e Plínio Profeta.

Inédito no Brasil, George Walker já teve mais de 100 montagens na língua inglesa e várias traduções para o alemão, francês e turco, tornando-o conhecido no mundo todo. “Tem humor, mas é um humor negro. Zastrozzi é sinistro e coloca o público para pensar.”



FAUSTO

Obra-prima de Goethe traz Gabriel Braga Nunes como o homem que vendeu a alma ao diabo.

Por Maria Lucia Rangel

Goethe passou a vida toda refazendo o texto de *Fausto*. Acabou escrevendo o marco do romantismo mundial, dramaturgia do fim do século 18, início do 19. Neste século 21, o autor foi traduzido do francês e inglês por Geraldinho Carneiro para

estrear no Teatro do Planetário com Gabriel Braga Nunes e Fernando Eiras nos papéis principais, dirigidos por Moacir Chaves.

A história do homem que, descrente de valores éticos, morais e sentimentais, negocia sua alma com o diabo em troca de

favores em vida, impressiona até hoje. “O fascínio é essa coisa de fazer um pacto com o diabo”, diz Geraldinho. “Hoje em dia os pactos são considerados triviais. Já se pode vender a alma em três vezes aceitando cheque pré-datado”, brinca.

Sedução

Moacir Chaves, que estudou teatro na Alemanha, convocou para contracenar com Gabriel e Eiras quatro atores de sua Pessima Companhia: Alberto Magalhães, Helena Stewart, Ludoval Campos e Mônica Biel. Gabriel faz o papel-título, Eiras é Mefisto. Fausto faz um pacto com o demônio: se ele conseguir que sua alma alcance o prazer supremo, então ele poderá levá-la para o inferno. Esta primeira parte de Fausto tem

como subtítulo *A tragédia de Margarida*, onde a sensualidade é o tema. Fausto se apaixona pela bela Margarida, jovem virgem, doce e inocente, que se deixa seduzir por seu entusiasmo e por suas belas palavras. Mas ela cai em desgraça, é presa, condenada à morte e fica louca. Ele, cuja paixão já não é a mesma, ainda tenta salvá-la. Mas Margarida prefere o calabouço e a morte. Fausto então foge com Mefistófeles.

“Moacir Chaves fugiu do óbvio”, lembra Eiras. Até na escalação dos atores. O doce Fernando Eiras é

Mefistófeles. O endiabrado Gabriel encarna Fausto. “O diabo do Goethe é o Lúcifer”, diz Eiras, “o grande demônio sedutor. Na verdade, Fausto e Mefisto são o Goethe. Não dá para representar só o bem ou só o mal. E acontecem muitos embates entre os dois. É meu primeiro trabalho com Moacir e ensinamos desde agosto. É um trabalho de pessoas apaixonadas.”

Moacir explica porque decidiu montar *Fausto* neste momento. “Há muitos textos que sofrem de preconceito, ficam com uma aura de inacessíveis por falta de conhecimento profundo da obra. Sinto isso em relação a esta peça. Foi o que me instigou a encená-la. Acredito que a obra diz respeito a nós, humanos, e isso me interessa.”



FOTOS: DIVULGAÇÃO

AS ARTIMANHAS DE SCAPINO

Comédia de Molière traduzida por Carlos Drummond de Andrade. A ação se passa no século 18, em Nápoles, e conta as trapalhadas de dois rapazes. Direção de Daniel Herz, com a Companhia de Teatro Atores de Laura. **Teatro Miguel Falabella** (Av. D. Hélder Câmara, 5.332, Norte Shopping). Fone: 2595-8245. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h30. R\$15.

ÁGUA VIVA

Monólogo dirigido e adaptado por Maria Pia Scognamiglio de um texto de Clarice Lispector, em que a personagem passa por diversos estados de espírito. Com Suzana Vieira. **Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2541-6799. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$25 (qui. e sex.) e R\$30 (sáb.).

BATALHA DE ARROZ NUM RINGUE PARA DOIS

Comédia de Mauro Rasi escrita especialmente para Cláudia Jimenez e Miguel Falabella, falando dos caminhos e descaminhos do casamento. Direção de Miguel Falabella. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 18h e 20h. R\$30 (qui. e sex.) e R\$40 (sáb. e dom.).

CANDANCES – A RECONSTRUÇÃO DO FOGO

Espectáculo da Cia. Dos Comuns recriando o mito das guerreiras do antigo Egito para retratar o universo feminino afro-descendente. Direção de Marcio Meirelles. **Teatro Gláucio Gill** (Praça Cardeal Arcoverde, s/n, Copacabana). Fone: 2547-7003. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$10.

CÂNTICOS – POEMAS DE AMOR DE SALOMÃO

Texto e supervisão de MG Correia Lima, abordando o amor conjugal, o amor humano e o amor divino. Direção de Júlio Rosemberg. Elenco: Bernardo La Rocque, Christiane Bezerra. **Café Teatro Correia Lima** (Rua Bento Lisboa, 64, Catete). Fone: 2225-6075. Sexta e sábado, 20h30. R\$16. Estréia 9 de maio.

CAPITANIAS HEREDITÁRIAS

Comédia de Maria Carmem Barbosa e Miguel Falabella sobre um banqueiro que planeja fugir do país depois de um gigantesco golpe. Direção de Miguel Falabella. Com José Wilker, Natália do Valle, Ney Latorraca. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R\$30 (qui., sex. e dom.) e R\$40 (sáb.).

CIRCO DA PAIXÃO - GODSPELL

Direção, adaptação e produção de Miguel Falabella do musical que se tornou um cult da contracultura americana no final dos anos 60. Direção musical de Josimar Carneiro. Elenco: Alessandra Linhares, Alessandra Maestrini, Camila Caputti. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, s/n, Centro). Fone: 2232-8701. Quinta, sexta e domingo, 19h. Sábado, 21h. R\$10 (qui., sex. e dom.) e R\$15 (sáb.).

COLE PORTER – ELE NUNCA DISSE QUE ME AMAVA

Sucesso desde a estréia há dois anos e meio, conta a história de Cole Porter através de mulheres marcantes em sua vida, com 33 números musicais. Texto e direção de Charles Möeller. Direção musical de Cláudio Botelho. Com Ada Chaseliov, Gottsha, Adriana Garambone, Kakau Gomes. **Teatro Ipanema** (Rua Prudente de Moraes, 824-A, Ipanema). Fone: 2523-9794. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R\$35.

COMBINADO

Ivan Sugahara concebeu e dirige o espetáculo-suspense passado em torno de uma mesa, onde é servido um jantar japonês. Com a companhia teatral Os Dezequilibrados. **Teatro II do Sesc Tijuca** (Rua Barão de Mes-

quita, 539, Tijuca). Fone: 2238-4566. Sábado e domingo, 20h. R\$6.

COMUNITÀ

Musical de Cláudio Magnavita inspirado na saga nos imigrantes italianos no Rio de Janeiro. Direção de Pedro Pires. Elenco: Augusto Bittencourt, Beto Serrador, Bruno Lopes. **Café-Teatro de Arena** (Rua Siqueira Campos, 143, Copacabana). Fone: 2235-5348. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 18h. R\$40.

ELOGIO DA LOUCURA

Adaptação do livro de Erasmo de Rotterdam, escrito em 1509, em que a loucura se revela ao público através de uma palestra. Adaptação, direção e cenário de Marcello Mello. Elenco: Ana Paula Botelho, Ana Velloso, Miawa Yanagizawa, Marcelo Mello. **Teatro III do CCBB** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-3020. De quarta a domingo, 19h. R\$10. Estréia 24 de abril.

EU TE AMO. VOCÊ É PERFEITA. AGORA MUDA!

A comédia musical de Joe Di Pietro, com versões de Aloísio de Abreu, mostra em 18 esquetes os problemas do homem moderno. Direção de Wolf Maia. Com Rita Guedes, Sidney Magal, Sylvia Massari e Aloísio de Abreu. **Teatro dos Grandes Atores**

(Av. das Américas, 3.555, Shopping Barra Square). Fone: 3325-1645. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$30 (qui. e sex.) e R\$35 (sáb. e dom.).

FAUSTO

Baseado no livro de Goethe, conta a história do homem que negocia sua alma com o diabo em troca de favores. Direção de Moacir Chaves. Com Gabriel Braga Nunes e Fernando Eiras. **Teatro do Planetário** (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2274-7722. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$10.

HÁ VAGAS PARA MOÇAS DE FINO TRATO

Peça de Alcione Araújo que fala sobre a falta de amor que leva à solidão e até à loucura. Direção de Suzanna Kruger. Com Mel Lisboa, Luciene Martes e Ana Paula Secco. **Porão da Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$20.

HOMEM OBJETO

Escrito por João Falcão e Luiz Fernando Verissimo, o espetáculo teatral multimídia trata das agruras dos homens. Direção de João Falcão. Elenco: Lucio Mauro Filho, Bruno Garcia e Aramis Trindade. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52 - Shopping da Gávea). Fone:

2540-6004. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R\$30 (qui.,sex. e dom.) e R\$40 (sáb.).

INTIMIDADE INDECENTE

Texto de Leilah Assumpção sobre os encontros e desencontros de uma casal dos 50 aos 80 anos. Direção de Regina Galdino. Com Irene Ravache e Marcos Caruso. **Teatro Maison de France** (Av. Antonio Carlos, 58, Centro). Fone: 2215-1708. Quinta, sexta e sábado, 21h. R\$40 (qui., sex. e dom.) e R\$50 (sáb.). Maiores de 65 anos pagam meia-entrada.

MEMORIAL DO CONVENTO

Adaptação do romance de José Saramago, com dramaturgia de José Sanchis Sinisterra e direção de Christiane Jatahy. Conta a história de pessoas que trabalharam na construção de um convento. Com Letícia Sabatella, Augusto Madeira, Caio Junqueira, Fernando Alves Pinto. **Teatro Sesc** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$10.

NO RETROVISOR

Comédia de Marcelo Rubens Paiva sobre dois jovens atores do teatro besteiro dos anos 80 que se reencontram 15 anos depois. Direção

de Mauro Mendonça Filho. Elenco: Otávio Müller e Marcelo Serrado. **Espaço Cultural Sérgio Porto** (Rua Humaitá, 163, Humaitá). Fone: 2266-0896. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$10.

NOVA DIRETRIZES EM TEMPOS DE PAZ

A peça de Bosco Brasil se passa em abril de 45, na alfândega do Rio, onde chega um polonês fugindo da guerra. Direção de Ariela Goldmann. Com Tony Ramos e Dan Stulbach. **Sala Marília Pêra do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone:2294-0347. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$30 (qui., sex. e dom.) e R\$35 (sáb.).

O ALIENISTA

De Machado de Assis, conta a história de Simão Bacamarte que decide construir um hospício. Adaptação da Companhia Artífices do Teatro. Direção de Paulo Rebello. Elenco: Biá Napolitani, Cid Borges, Fabiano Boechat. **Teatro do Instituto Philippe Pinel** (Av. Venceslau Brás, 65, 3º. Andar, Urca). Fone: 2542-3049. Sábado e domingo, 20h. R\$12.

O CASAMENTO DO PEQUENO BURGUÊS

Comédia de Bertolt Brecht sobre a comemoração de um casamento que, aos poucos, vai virando uma troca de farpas entre a família e os amigos dos

noivos. Direção de João Fonseca. Com Os Privilegiados. **Teatro Café Pequeno** (Av. Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 2294-4480. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$15.

O PREGOEIRO

Solo de Márcio Libar, autor do espetáculo, que com uma malacamarim, traça um olhar para sua própria história e a do Teatro Anônimo. **Rua do Mercado**, na Praça 15, Centro. Sexta, 20h. Entrada franca, mas a senha deve ser retirada uma hora antes do espetáculo, na Rua do mercado, 45.

OS SEM VERGONHAS

Baseado na peça neozelandesa que deu origem ao filme *Ou Tudo ou Nada*. Seis desempregados realizam um show de strip-tease. Direção de Guilherme Leme. Elenco: Jandir Ferrari, Jayme del Cueto, Marcelo Escorel. **Casa de Cultura Hombu - Teatro Lapa** (Rua Mem de Sá, 33, Lapa). Fone: 2224-5734. Quinta e sexta, 19h30. Sábado, 20h. Domingo, 17h e 20h. R\$20 (qui.), R\$25 (sex. e dom.) e R\$30 (sáb.).

ONLY YOU

Peça de Consuelo de Castro unindo amor e humor, mistério e o passado nos porões dos anos de chumbo. Direção de Bibi Ferreira. Com Adriana

Esteves e Gracindo Júnior. **Teatro Sesi** (Av. Graça Aranha, 1, Centro). Fone: 2533-3495. Quinta e sexta, 19h30. Sábado, 20h. Domingo, 18h. R\$20 (qui., sex. e dom.) e R\$25 (sáb.).

QUEM TEM MEDO DE KURT WEILL

Roteiro de João Máximo sobre os variados tipos existentes nas composições de Kurt Weill, valorizando sua teatralidades e recriando a atmosfera boêmia típica do cabaret. Direção de Fábio Pillar, que também atua e canta ao lado de Márcia Cabral, Tadeu Aguiar e Cláudia Vignon. **Teatro do Centro Cultural da Justiça Federal** (Av. Rio Branco, 241, Centro). Fone: 2510-8848. De quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. R\$10 (qui. e dom.) e R\$15 (sex. e sáb.).

SÍNDROMES – LOUCOS COMO NÓS

Sete quadros de sete autores, entre eles Adriana Falcão, Leilah Assumpção e Falabella, tratando da maluquice com muito humor. Direção de Beta Leporage. Com Luciana Braga, Miguel Magno e Zezé Polessa. **Sala Fernanda Montenegro do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Quinta, 21h. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R\$30 (qui.), R\$35 (sex. e dom.) e R\$40 (sáb.).

TOMARA QUE NÃO CHOVA

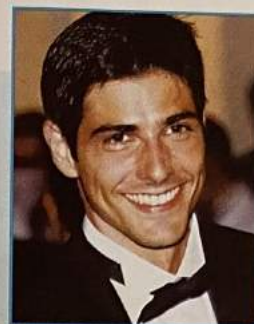
Concepção do Teatro de Anônimo com assessoria de Vic Militello e dos professores da Escola Nacional de Circo. O espetáculo reproduz o imaginário do circo-teatro feito no Brasil no final do século 19 e início do século 20. **Rua do Mercado**, Praça 15, Centro. Sábado e domingo, 19h. Entrada franca. A senha deve ser retirada uma hora antes do espetáculo, na Rua do mercado, 45.

VENEZA

Texto de Jorge Accamme que conta a história da velha e cega dona de um prostíbulo que se recusa a morrer sem antes rever, em Veneza, seu antigo amor. Adaptação e direção de Miguel Falabella. Elenco: Laura Cardoso, Arlete Salles, Tuca Andrada. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$30 (qui. e sex.), R\$35 (dom.) e R\$40 (sáb.).

ZASTROZZI

Texto do canadense George Walker propondo uma reflexão sobre a luta do bem contra o mal. Direção de Selton Mello e Daniel Herz. Elenco: Selton Mello, Ângelo Paes Leme, Natália Lage e outros. **Teatro Glória** (Rua do Russel 632, Glória). Fone: 2555-7262. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R\$15.



Intimidade Indecente

“Fiquei emocionado com o trabalho de Irene Ravache e Marcos Caruso. A peça tem uma comunicação incrível com a platéia e é fantástico o trabalho dos atores. A montagem não usa nenhum recurso, a não ser a interpretação dos dois.”

Reynaldo Gianecchini, ator

Memorial do Convento

“Indico pela coragem dos atores em buscarem o teatro num texto que é puramente literário.”

Marcelo Vianna, ator, cantor e compositor



Novas Diretrizes em Tempos de Paz

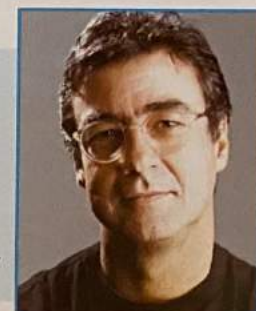
“Uma peça que bateu no meu coração. Não é nada previsível e é um tributo ao teatro. Um trabalho ousado, com cenário simples, em que os atores não são massacrados pela luz e pelo cenário. Atores e texto são as estrelas.”

Elisa Lucinda, atriz

No Retrovisor

“Acho que o Marcelo Rubens Paiva conseguiu resgatar um período da vida da gente, a década perdida dos anos 80, em que as pessoas preocupadas com a ideologia passaram a escolher caminhos pessoais. É muito interessante.”

Miguel Paiva, cartunista e autor



Mercado do riso



O bom humor vai para a Rua do Mercado, na Praça XV. E com entrada franca!

Por Maria Lucia Rangel

Para fechar as comemorações de seus 15 anos, o Teatro Anônimo volta a um dos pontos que mais tem freqüentado, a Rua do Mercado, na Praça XV, montando uma estrutura de circo onde, com entrada franca, o público poderá conferir um espetáculo às sextas-feiras, dois aos sábados e dois aos domingos. Tudo regado a muito

riso, em temporada que vai até 18 de maio. Complementando as apresentações, uma exposição sobre palhaços cariocas premiados estará acontecendo na Casa da Rua do Mercado, 45.

O primeiro dia da temporada, na sexta-feira, começa com o ator/palhaço Márcio Libar em *O Pregoeiro*, apontando o olhar para

sua história e a trajetória do Teatro de Anônimo e suas primeiras apresentações na Zona Norte carioca. Com uma mala-camarim, ele lembra o encontro do grupo na Escola Nacional de Circo e reuniões marcantes com um time de nomes do circo-teatro mundial, como Léo Bassi e Nani Colombaioni. *O Pregoeiro* é falador por natureza, pilhador de corações, cômico popular e brinca com as idéias.

Para as crianças

Aos sábados e domingos, a primeira sessão é dedicada ao público infantil. *Os Cenouras*, do grupo dos Valdevinos de Oliveira, é um espetáculo sobre o cômico e o clown desenvolvido durante três anos pelos atores Fábio Freitas e Leonardo Carnevale. Eles se apropriam de objetos urbanos para mostrar

o cotidiano de quem trabalha com serviços gerais na cidade grande. O título foi inspirado no tom laranja do uniforme dos garis.

A segunda sessão dos sábados e domingos, com *Tomara que não Chova*, mostra diversos estilos de jogos cômicos. O título se refere ao nome dado aos circos que não possuem cobertura, muito comuns nas cidadezinhas do interior. Montado com assessoria de Vic Militello e de professores da Escola Nacional de Circo, a estrutura foi construída com o patrocínio da Brasil Telecom. O espetáculo reproduz o imaginário do circo-teatro feito no Brasil no final do século 19 e início do 20, com a primeira parte mostrando uma revista de variedades e, a segunda, encenações teatrais. Como a lotação do espaço é para 150 pessoas, as senhas devem ser retiradas uma hora antes.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

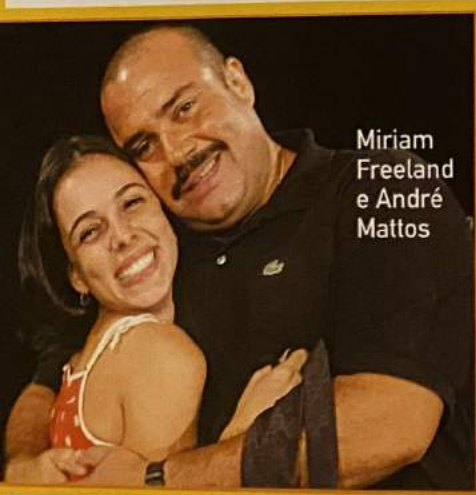


PLUFT,

O FANTASMINHA



Cláudia Abreu e Louise Cardoso



Miriam Freeland e André Mattos

Tablado remonta pela sétima vez o clássico de Maria Clara Machado, agora com Cláudia Abreu, Louise Cardoso e José Lavigne.

Por Maria Lucia Rangel



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Pluft, o *Fantasminha*, de Maria Clara Machado, estreou em 1955 com direção da própria autora. De lá para cá foi remontando seis vezes, sempre considerado o carro-chefe do Tablado pela própria Maria Clara, que dizia: "quando o caixa está baixo a gente monta o *Pluft* e pronto...acalma". Cumprindo uma promessa à autora, Cacá Mourthê e um grupo de ex-alunos, entre eles Louise Cardoso, Cláudia Abreu e José Lavigne, estão em pleno ensaio e estreiam no dia 3 de maio a sétima montagem da peça. Louise, que em 74 foi *Pluft* em seu primeiro papel principal, fará agora a mãe do fantasminha, vivido por Cláudia Abreu.

Em 1999, Louise contracenou com Cláudia Abreu na novela *A Força do Desejo* e ficaram amigas. "Ela foi aluna da Cacá e eu dirigi a Cacá em *Pluft*", relembra Louise. "Na época, tínhamos um grupo no Tablado, os Tabladinhos, dedicado a um trabalho social. Levávamos peças para favelas e hospitais. Durante a novela, combinamos a remontagem de *Pluft* para comemorar os 50 anos do Tablado. A peça seria dirigida por Clara. Mas ela foi ficando doente, a Cacau engravidou, eu estava com inúmeros trabalhos e a coisa não foi adiante." Neste ano, Louise retomou a idéia. Foi jantar com Cacá, telefonaram para Cláudia Abreu e *Pluft* renascia mais uma vez.

Cacá Mourthê, sobrinha de Clara e hoje diretora do Teatro Tablado – todo reformado e com segurança na porta – diz que a atual montagem tem a participação de pessoas que

trabalharam na peça dos anos 50 até os 90. Os figurinos são de Kalma Murтинho, também na primeira versão, junto com Seu Humberto, que ajudou no cenário de Napoleão Muniz Freire na época. Dos anos 60 elas resgataram Jorginho de Carvalho, na iluminação. Os 70 estão representados por Louise e por ela. Os 80 por Cláudia Abreu. Dos 90 tem Miriam Freeland, como a menina Maribel.

A história

Perna de Pau (André Mattos), o capitão que roubou todos os peixes do Mar Morto, está à procura de um tesouro e rapta Maribel, com quem deseja casar-se. Os três amigos marinheiros da menina (Marcelo Olinto, Alexandre Akerman e Sérgio Maciel) saem a sua procura. Acabam todos no sótão onde vive a família de fantasmas: Pluft, a mãe e o tio (Lavigne). "O grande momento da peça é o encontro de Pluft e Maribel, quando o fantasminha pergunta se ela é gente", conta Louise. "E você, o que é?", ela indaga. "Sou fantasma", responde Pluft. Como nunca apareceu ninguém no sótão, o grande conflito dele é saber se gente existe". Nenhum dos atores e técnicos está recebendo salários. É um trabalho feito somente na base do amor, diz Louise. "Parece que tudo está fluindo. Eu acredito mesmo nos deuses do teatro."

cena aberta D E R T A



Silia Fux e Louise Cardoso em Pluft, o Fantasmilha, de Maria Clara Machado, 1974/1975



Brasil Telecom

Apresenta

SELTON MELLO

em

Zastrozzi

de George F. Walker

ELENCO

NATÁLIA LAGE ANGELO PAES LEME
MICHEL BERCOVITCH
ALVARO DINIZ GISELE CÂMARA

DIREÇÃO

DANIEL HERZ & SELTON MELLO

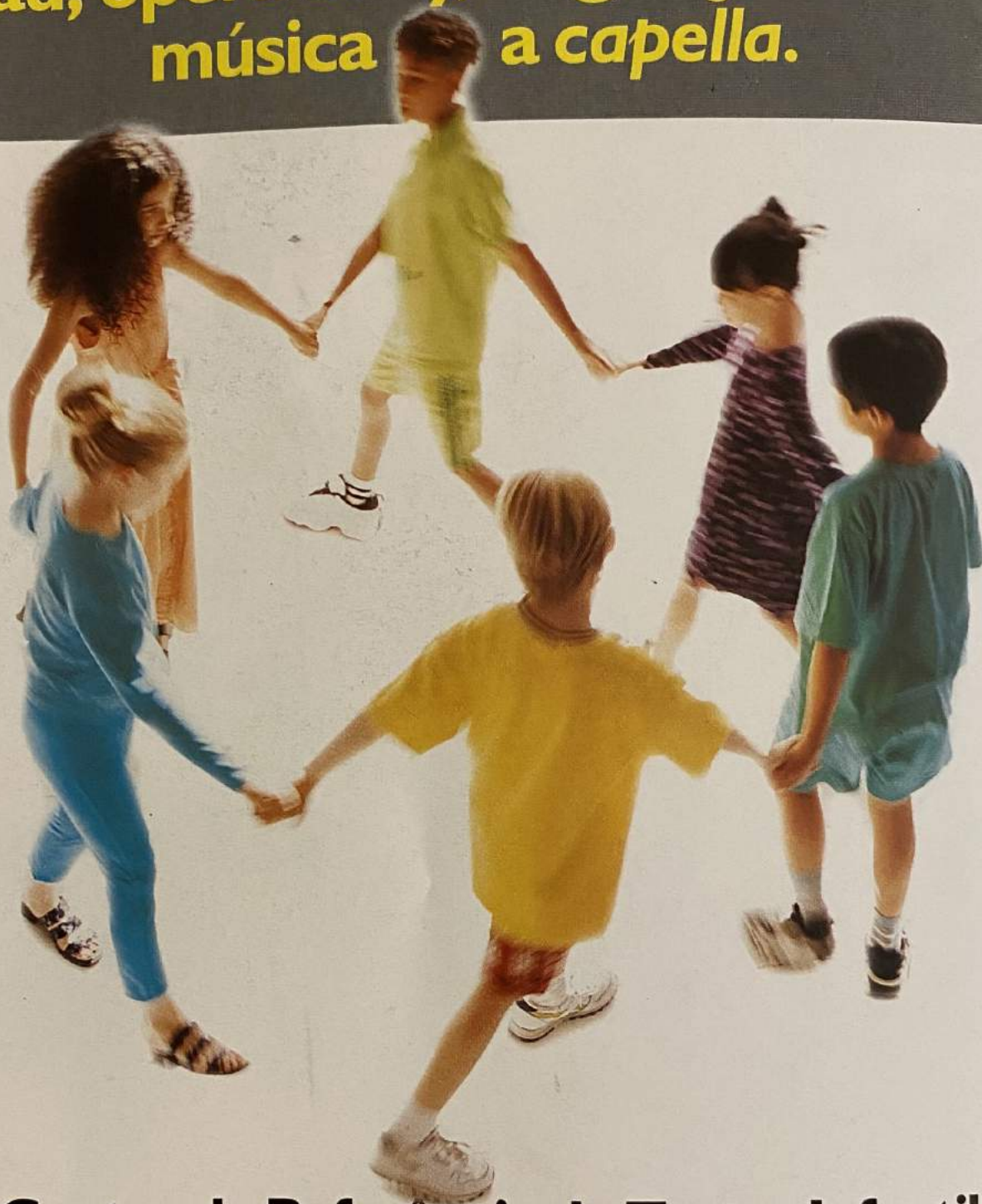
TEATRO GLÓRIA

Curta Temporada Popular
De Quinta a Domingo
Tel.: 2555-7262

PRODUTORES ASSOCIADOS
EDUARDO BARATA E SELTON MELLO



Troque o videogame, tv, computador e os mangás do seu filho por jongo, babau, ópera baby, bagunço-solistas e música a capella.



Centro de Referência do Teatro Infantil.

Como o próprio nome diz, é ali que você vai encontrar tudo de bom para a cultura do seu filho: teatro, vocais, exposições, shows, oficinas e muita música para crianças e adolescentes. Coisas que só a Prefeitura faz para ajudar seu filho a amar a arte do seu país.

Teatro do Jockey fica na Rua Mário Ribeiro, 410
Jardim Botânico Tel.: 2540-9853

RIO



PREFEITURA

CULTURAS

RIOART